



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA INSTITUTO DE HUMANIDADES BACHARELADO EM  
HUMANIDADES**

**KELLY MOURA DA SILVA**

**MASCULINIDADE TÓXICA EM ACARAPE/CE: O MACHO DENTRO DO FUNK**

**ACARAPE-CE**

**2020**

**KELLY MOURA DA SILVA**

**MASCULINIDADE TÓXICA EM ACARAPE/CE: O *MACHO* DENTRO DO FUNK**

Projeto de pesquisa apresentado a Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito o recebimento do Bacharel em Humanidades, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Maria Costa Bernardo.

**ACARAPE-CE**

**2020**

**KELLY MOURA DA SILVA**

**MASCULINIDADE TÓXICA EM ACARAPE/CE: O *MACHO* DENTRO DO FUNK**

Projeto de pesquisa apresentado a Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito o recebimento do Bacharel em Humanidades, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Maria Costa Bernardo.

Redenção, \_\_\_\_\_ de janeiro de 2020

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>** \_\_\_\_\_

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>a</sup> M.a** \_\_\_\_\_

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>** \_\_\_\_\_

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus que me possibilitou mais uma vitória, minha família, em especial minha mãe, que me incentivou e me deu força quando quis desistir, a minha orientadora Carolina Maria Costa Bernardo, que tomou para si a grande missão de me orientar e sem dúvida minhas queridas amigas(o), M<sup>a</sup> Suzana, Diana Daisy, Antônia Vitória e seu irmão Walef Sousa que fizeram parte de mais uma página da minha história de conquista.

## RESUMO

Em detrimento das novas noções de masculinidades, faço apontamentos sobre a necessidade de debater a masculinidade cultural dentro das músicas do gênero funk pesadão, que sutilmente estrutura a ideia de submissão e desigualdade sobre uma perspectiva simbólica de violência contra mulher. Desta forma, proponho nesta pesquisa a concepção da construção do *macho* na comunidade de Carro atolado em Acarape, que é reforçada através dos bailes funk dentro e fora da comunidade. A metodologia utilizada para fundamentar cientificamente este projeto, é a realização de uma pesquisa de campo e estudo de caso com abordagem qualitativa, descrevendo principais abordagens tomadas com intuito de investigar se os jovens tem a consciência crítica acerca de determinadas canções de cunho misóginos no funk.

**PALAVRAS-CHAVES:** Masculinidade tóxica, Patriarcado, Funk.

*“Tudo o que é silenciado clamará para ser ouvido,  
ainda que silenciosamente.”*

Margaret Atwood  
Em O Conto da Aia

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. JUSTIFICATIVA.....	10
2.1 ESTADO DA ARTE.....	12
3. PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
4. OBJETIVOS .....	13
4.1 OBJETIVO GERAL .....	13
4.2 OBJETIVO ESPECIFICO .....	13
5. PROPOSTA METODOLÓGICA .....	14
6. REFERÊNCIAL TEORICO .....	15
6.1 MASCULINIDADE NA HISTÓRIA: SIGNIFICANTE SER HOMEM X SIGNIFICANTE SER MULHER.....	15
6.2 MISOGINIA MUSICAL BRASILEIRA: O FUNK NO CARRO ATOLADO .....	17
6.3 CAUSA E CONSEQUÊNCIA.....	19
7. RESULTADOS ESPERADOS .....	21
8. REFERÊNCIAS .....	22



## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade trazer uma exploração teórica em relação a construção da masculinidade e as atuais transformações a partir da desconstrução dos estereótipos masculinos, sobretudo, apontamentos acerca do rompimento dos códigos e barreiras dos homens na pós modernidade. Tendo em vista as possíveis evoluções graças ao movimento feminista e as lutas por igualdade de direitos, desta forma, no decorrer do ensaio farei uso das abordagens musicais para situar a construção do macho dentro do funk pesado.

No entanto, o foco principal é traçar uma perspectiva linear da construção do *macho* na sociedade, visando desmitificar aspectos que é imposto socialmente como imposições masculinas de superioridade, pois não pode ser apenas homem, tem que ser *O macho*. Principalmente se este sujeito estiver sob uma condição periférica ou até mesmo se ele for do sertão nordestino onde a condição do *macho* se faz mais presente, com isso, analiso o meu convívio social pois me encontro em uma área periférica do interior da grande cidade Fortaleza, e sendo uma mulher negra e nordestina me imponho a trabalhar sobre a perspectiva da masculinidade, visto que, essa tema desrespeita a mim, porque cresci vendo e ouvindo práticas e atos que transforma meninos em *machos*, e como consequência nós mulheres em objeto.

O termo *macho* está relacionado diretamente com o sexo masculino que deriva a ideia de homem másculo e viril, o verdadeiro *cabra macho*. Não muito distante esse termo está relacionado ao uma constante imposição social pela qual o homem que se afasta de tais características encontra-se sobre o olhar de repugnância daqueles que se enquadram.

Isto é, quando nós mulheres nascemos nos é imposto a condição de reprodutora e para o homem a condição de provedor, se foge deste padrão não é aceito, para ser mulher basta ter vagina e para ser homem bastará ele não ser mulher, isso é obvio, mais a uma lacuna nessa descrição porque o homem tem que fugir da idealização de quais quer atos femininos, como dançar balé, abraçar, beijar, gostar de arte, atos esses que evoque sentimentalismo ou emoções, desta forma, Monica Von Koss faz um louvável apontamento.

Quando atribuímos aos homens características como agressividade, dominação, lógica, competitividade, razão, afirmamos igualmente que a função é atuar no mundo público, criando os recursos financeiros, materiais e intelectuais necessários para a manutenção e o desenvolvimento da sociedade. Uma função dominante no sistema patriarcal.

(KOSS, 2000, p. 177)

Sobre o crivo da autora é visível como é imposto ao homem a auto afirmação para se encaixar nos padrões e características do ser *macho*, porque homem que é homem não demonstra fraqueza, não pode remeter nenhuma característica feminina porque isso é ruim, isso é o que ouvir ao longo da minha criação e que me questiono pois tais atos são condições humanas e não de gênero, por isso que é confundido, amor com obsessão ocasionando tantos casos de feminicídios porque não é ensinado para os homens que afeto não é sinônimo de fraqueza nem tão pouco ser *mulherzinha* ou *bixa*. Isso é algo simples, mas que está tão enraizado que é preciso ser falado urgentemente. Será recapitulando também questões acerca das músicas brasileiras e os discursos patriarcais que se naturalizam através do acultramento musical no Brasil naturalizando-se e perpassando por todos estilos musicais hegemônicos e neste sentido, cada música pertence a distintos gêneros musicais a fim de comprovar que o patriarcado se manifesta também pela música, como funk.

Analizando aqui a influência que as músicas brasileiras tem sobre a construção e reafirmação do *macho* na sociedade tentando compreender a influência das músicas no que é ser homem e do lugar da mulher no campo social.

O objetivo desse trabalho não é desvalorizar a musical brasileira e em especial o funk, pelo qual farei referência pela proximidade desse gênero musical no meu meio social pois nele existe várias vertentes, limito minha pesquisa apenas para o intitulado “funk proibido<sup>1</sup>” ou “pesadão” que relata um grande número de apologia ao misoginíssimo.

Na minha realidade o funk está presente no dia-a-dia da comunidade de Carro Atolado na cidade de Acarape, visivelmente, crianças, jovens e adultos aderem distintas músicas, como prega, forró, sertanejo entre outros gêneros musicais no decorrer do dia, mais o que prevalece forte é o funk, principalmente pelos jovens e adolescentes com a faixa etária de 11 á 18 anos, que fazem uso deste gênero em pequenos bailes na comunidade ou cidades vizinhas. Esses grupos de jovens, muitas vezes se apropria de tais apologias que se fazem presente nas músicas de funk, sendo que alguns tem uma perspectiva feminista e não concordam com determinadas letras que agridem a moral feminina e enaltece a característica do *macho*, como tem outros, que simplesmente não fazem juízo de valor nem dentro nem fora dos bailes.

O funk por sua vez integra um conjunto de posições que não foge da realidade desses jovens adeptos na comunidade Carro atolado, seja o funk de cunho erótico, militante,

---

<sup>1</sup> O proibido nasceu dentro deste sistema em 1995 com os MCs Júnior e Leonardo, da favela da rocinha, lecionando uma verdadeira aula á plateia sobre metralhadora, granadas e rifles com o “Rap das Armas”, a primeira batida de funk oficialmente chamada de “proibida”.

romântico, gospel dentre outros, é importante ressaltar que nem todo funkeiro compõem conteúdo machistas. No funk as funkeiras feministas que milita contra esse sistema opressor graças a movimentos sociais que possibilitaram essas mulheres ter seu lugar de fala nos bailes, militando dentro e fora do palco, pois são mulheres fortes como Karol Conká, Mc Rebecca e Mc Carol, todas negras e militantes no direito das mulheres de serem respeitadas, que além de lutar contra preconceitos ainda lutam por condições mínimas de serem iguais e vistas com mulher e não como objeto sexual. Da mesma forma será fundamental abordar as composições de renomados cantores elitistas, que por muitas vezes também é mistifica nas suas canções a condição da mulher, de ser objetificada e para isso cantores como Ataulfo Alves, Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi e Roberto Carlos, grandes nomes da música popular brasileira serão citados posteriormente.

Na composição “Ai, que saudade da Amélia” de Ataulfo Alves e Mário Lago, é exposta a condição da mulher de ser uma mera dona de casa e principalmente ser mulher e de verdade, detalhe, sem vaidade como é contado na música “Amélia não tinha vaidade. Amélia é o que era mulher de verdade.” Nesta composição Amélia acaba virando o sinônimo de dona de casa e criando um certo estereótipo de modelo de mulher na sociedade. Vinicius de morais o tal renomado cantor da Bossa Nova dos anos 60 aborda a mulher formosa, título da sua composição, sobre a necessidade da não negação do suposto carinho, mais qual seria este carinho que não me dá o direito de dizer não e não ser questionada.

Sobre essa perspectiva que enfatizo a construção do *macho* na sociedade através das músicas brasileiras, que impõem a mulher a condição de aceitar ser classificada como boa ou ruim, apta para ser mãe e dona de casa ou simplesmente sexualizada. Com isso, estará sendo colocado em questão alguns porquês, da necessidade de construir uma imagem da mulher de forma muitas vezes desleal ou seja, a maior parte das sociedades foram estruturadas com base na valorização do sexo masculino e no rebaixamento do feminino que não foge muito da realidade das músicas nacionais brasileiras que além de evocar um caráter misógino estão visivelmente carregados de representatividade masculina e de poder como é o caso de grandes nomes da mídia como Roberto Carlos que na música *Ciúmes de você*, relaciona a ideia de um homem obsessivo e abusivo, ressalto a importância de enfatizar as diversas formas de violência contra a mulher e suas manifestações física, sexual, patrimonial e no caso da música citada violência psicológica, pela qual é exposto um trecho da cação que diz “Se você põe aquele seu vestido lindo e alguém olha pra você eu digo que já não gosto dele que ele está ficando démodé” uma característica típica de abuso que muitas mulheres não identificam na música, mais que na realidade é muito mais comum do que parece. Homens que proíbem ou desmerecem o corpo, a roupa, a fala, o

modo de agir das suas companheiras por pura masculinidade frágil, sobre uma violência simbólica tão sutil que nem sempre percebemos e naturalizamos.

Ainda falando do famoso cantor Roberto Carlos e suas músicas, aponto para determinada letra, que relata um relacionamento abusivo, porém, camuflado de boas intenções como a famosa violência simbólica de Bourdieu, na letra da música Furdúncio.

... Do que é meu eu cuido e não me distraio  
 Aquela maravilha andando sozinha  
 Tem um aviso pra dizer que ela é minha  
 Quebrando tudo de um lado pro outro  
 Colado nela é que eu me sinto mais solto  
 Onde ela vai eu vou  
 Onde ela está eu estou

A força da violência simbólica está vinculada no acultramento, de forma ilusoriamente aceitável. As letras misóginas e sexistas brasileiras são interpretadas em duplo sentido, de um lado a ideia de um homem próximo aos padrões de cavaleiros e por outro um homem abusivo que necessita reafirmar sua posição de dominador, impondo a mulher seguir a linha que ele determina, seja na regularização de sua roupa ou até mesmo dando-lhe limites ao sair de casa limitando a tal a está sempre em sua presença. Nas palavras de Bourdieu:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (2005, p. 07-08).

A dominação masculina se faz presente em várias instancias e em especial nas letras das músicas brasileiras, mascaradas com ideologias frustrantes, mistificando todo um corpo social para acreditar na ilusória ideia de normalidade. Ressalto aqui a importância de repensar o contexto dessas e de tantas outras músicas que abordam essa separação e ao mesmo tempo, distinção dos sexos, de um lado quando na percepção de Ataulfo Alves de classificar Amélia com a real e modelo dos padrões de mulher, acaba colocando em questionamento do porquê das outras mulheres que além de precisar trabalhar em dupla jornada não poderia ser boas esposas ou simplesmente mulheres normais, de grosso modo, esta mulher descrita pelo cantor seja o espelho de muitas mulheres ainda, que se jogam por não dá conta de ser Amélia, e da mesma forma fazer apontamentos sobre a necessidade de limitar a mulher de sair sozinha,

colocando-a sempre do seu lado para onde quer que o seu companheiro esteja, pois na música de Roberto Carlos, o Rei, não seria viável deixar a moça andando sozinha, que é preciso colocar aviso para dizer que ela é propriedade dele.

E é diante da construção do que é ser homem e do que é ser mulher, será abordado a concretização da dualidade de gênero, colocando cada qual em um lugar específico e dotando-os de ideologias frustrantes, como a construção do *macho*, que inicia logo na infância, quando a criança escuta por muitas vezes que homem não chora e que tem que honrar o que tem entre as pernas, expressões covardes que ilusoriamente repassam a ideia de força mais que na realidade é a camuflagem de medo e do terro de humanizar-se para que seja construída uma masculinidade forjada, trancafiando seus temperamentos. E é da mesma forma que a mulher se sujeita a essa construção tóxica do *macho*, pois também é trabalhado na mulher a errônea ideia de submissão, do lugar que é para esta, da vestimenta adequada para não ser violentada, da falsa maturidade de ignorar a passada de mão boba do coleguinha sobre seu corpo, pois a justificativa se dá, porque as meninas amadurecem mais rápido que os menino e por isso devem relevar. E é desta forma que aos poucos vai sendo construída a masculinidade tóxica e por consequência inúmeros casos de feminicídios.

## 2. JUSTIFICATIVA

Eventualmente falar sobre masculinidade não é fácil para mim, devido a minha criação, sobre a influência patriarcal, e quando se é uma mulher da periferia se torna mais difícil ainda. Em meio ao cenário periférico que muitas mulheres assim como eu, vivemos, a condição de se afirmar sobre uma perspectiva além da imposta biologicamente como reprodutora e ultrapassar a ideia de sermos apenas uma vagina, dar-se a necessidade de abordar esse tema.

Com isso farei uso do meu lugar de fala como mulher negra, que desde sempre, o meu corpo, assim como, o corpo das minhas ancestrais vem sendo ridiculamente sexualizado e mistificado como mercadoria. Busco incansavelmente romper com estereótipos que agride minha moral e de tantas outras mulheres, em especial negras, que vivem sobre um olhar patriarcal que nos envolve a condições de humilhação, isto é, viver sobre o olhar e aprovação do outro ou melhor, do macho. Apesar de ser silenciada sem saber ao certo o porquê, hoje no campo acadêmico posso encontrar muitas de mim, que foram oprimidas na escola, no trabalho ou até mesmo de onde nunca poderíamos imaginar, na família, pela qual deveria ser o porto de segurança.

Mas é a partir de vivências das novas realidades que pude entender e me posicionar sem temer a repressão masculina, pois meu lugar de fala foi assegurado devido a luta daquelas que não aceitaram o mínimo. Essa concepção não veio do nada, ela vem com base no autoconhecimento que pude ter durante a disciplina Identidade e Poder no 5º semestre do BHU, com a professora Carolina Maria Costa Bernardo, nesse período um assunto me fez refletir sobre as masculinidades, causando inquietação quando associei a estrutura patriarcal e a forma como ela é constituída socialmente nas músicas nacionais, desde o funk uma arte popular até as mais músicas mais elitistas.

Diante disso, o intuito deste trabalho provém de uma inquietação sobre esses termos hostil, explicitados nas letras populares de funk. Vale salientar que em quase todas as culturas as mulheres são vistas como objeto sexual, seres inferiores e submissas aos homens, e quando nos deparamos com tais termos que agride e influência para a construção do *macho*, logo se percebe a necessidade de mostrar como é constituída a misoginia a partir do *macho* no funk pesado. A sociedade por sua vez, se forma sustentada pelo enaltecimento masculino, como é relatado por Bourdieu (1998, p. 11)

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação, dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados.

Dessa forma, não foge muito da realidade nos deparamos com discursos opressivos de homens que impõem a mulher ao cuidado de casa e dos filhos, limitando a condição feminina apenas como zeladora do lar pois quando a mulher vai a lutar por direitos básicos como voto e/ou pela autonomia de trabalhar fora, o homem por sua vez não vem para casa cuidar do lar e dos filhos, ele continua no mesmo lugar de sempre e afastando-se de toda e qualquer proximidade do ser feminino e os cuidados com a casa não é diferente, sendo necessário a mulher ter dupla jornada de trabalho. Para muitos homens se afirmar e camufla-se da masculinidade de séculos atrás é primordial ter consciência do que é ser másculo, viril e sobretudo macho, fugindo de toda e qualquer proximidade de se parecer feminino.

**ser homem** no século XIX significava **não ser mulher**, e sobre todas as hipóteses jamais **ser homossexual**. A identidade sexual e de gênero do homem vitoriano, estava intrinsecamente ligada à representação do seu papel

na sociedade. Os traços que os descreviam, voltavam-se para a forma de se vestir, a forma de andar, a maneira de se comportar, a entonação de voz, etc., assim como também era ressaltado a forma física, a musculatura, os contornos do corpo masculino, a elegância, o vigor físico e a beleza, e por fim, as qualidades psicológicas do homem como a agilidade, a coragem, a distinção, a bravura, o heroísmo, Gay (1995).

Essa constante necessidade de afirmação do que é ser homem vem causando a famosa crise de identidade e como consequência medos recalcados, que por muitas vezes as mulheres são vítimas de homens que cresceram sobre uma perspectiva de se impor superior, negando tudo que possa ser característica feminina para que seja ressaltado a dada virilidade do ser másculo. “Assim, aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação.” (LOURO, p. 48)

Por sua vez no machismo existe uma crença dessa superioridade do homem sobre as mulheres, se repetindo de todas as formas e meios desde filmes, novelas, músicas e das relações pessoais nas escolas e no campo social.

## 2.1 ESTADO DA ARTE

Diversas abordagens já foram realizadas para discutir sobre a masculinidade tóxica por meio de trabalhos acadêmicos de cunho de interesse pessoal e profissional. Sabendo disso, para dar valor acadêmico e científico a este trabalho de conclusão do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, foi feito no início do mês de novembro de 2019 uma pesquisa nas bases de dados da UFC, SciELO, EBSCO, UECE e UNILAB adotando como descritores masculinidade tóxica, música funk/MPB, e novas masculinidades. Os principais artigos selecionados nas bases de dados foram em torno 156, com exceção da UECE e UNILAB que não foram obtidos resultados satisfatórios para pesquisa, posteriormente foi acessada o repositório de tese da UFC que foi bastante relevante, assim como, a base de dados SciELO e EBSCO que também foi encontrado artigos que auxiliaram nessa investigação, porém, dentre os descritores ficaram algumas lacunas que foram analisadas e preenchidas neste trabalho. Conforme os artigos da UFC foram coletados resultados que trouxessem assuntos que abordasse a masculinidade e os demais descritores nos quais foram selecionados 3 de cada repositório (UFC, SciELO e EBSCO), e delimitando dos 9 artigos em apenas 3, tendo como critério a inclusão de todos os artigos que apresentasse relevância para fins acadêmicos e que

se aproximasse mais da proposta que fosse viável trabalhar. Desta forma foi possível observar que a pesquisa nos bancos de teses mesmo tendo sido satisfatória, existe vazios que pretendo preencher conceitualizando de forma singular, como a necessidade de abordar que o machismo é uma doença que extermina homens e mulheres ao longo do tempo, que prejudica todo o campo social e em especial as crianças, que desde de muito cedo são impulsionadas a serem reflexos dos pais abusivos, em razão a esse ciclo vicioso que se tornou a construção do macho e em especial o macho que se reafirma nas músicas nacionais brasileiras.

### 3. PROBLEMA DE PESQUISA

- A) Como o funk proibidão incentiva a construção do *macho*?
- B) Como os jovens do município de Acarape da comunidade de Carro atolado narram a misoginia dentro de algumas músicas do gênero funk?
- C) Qual o valor do funk proibidão para os jovens e adolescentes de 11 á 18?

### 4. OBJETIVOS

#### 4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a influência que o funk tem sobre a construção e reafirmação do *macho* na sociedade, em especial na comunidade de Carro atolado (Acarape-CE).

#### 4.2 OBJETIVO ESPECIFICO

- A) Compreender a influência do funk na reafirmação da masculinidade tóxica na sociedade.
- B) Analisar a importância da releitura de canções de cunho misógino no funk pesado
- C) Entender os desdobramentos da construção das novas masculinidades.

## 5. PROPOSTA METODOLÓGICA

O presente projeto foi elaborado sobre uma perspectiva metodológica qualitativa, onde será realizado uma pesquisa de campo e estudo de caso, com intuito de explorar e descrever a influência do funk pesadão na comunidade de Carro atolado (Acarape-CE). Este método qualitativo desta pesquisa, foi escolhido pela capacidade de abranger de forma esperada todo meio subjetivo do projeto, cujo, busco entender como os jovens entendem o machismo dentro do funk proibidão.

Neste tipo de pesquisa, os meios de coleta de dados serão utilizados para darem fundamento teórico ao problema, e desta forma analisar a importância que é entender como que sucede todo um sistema patriarcal no funk pesadão e as influências deste sistema para construção do *macho* na comunidade de Carro atolado (Acarape-CE).

Contudo enfatizo que essa pesquisa será feita na cidade de Acarape-CE especificamente em Carro atolado, pois é exatamente o campo que jugo melhor para investigar, por ser a cidade que nasci e cresci. E com isso posso estar a par de determinados conhecimentos e vivências que fazem parte de toda estrutura que está sendo pesquisada.

## 6. REFERÊNCIAL TEORICO

### 6.1 MASCULINIDADE NA HISTÓRIA: SIGNIFICANTE SER HOMEM X SIGNIFICANTE SER MULHER

Biologicamente não era possível encontrar o modelo da sexualidade humana como é entendida atualmente, a concepção até então, em meados do século XVIII, era do “monismo sexual ou one sex model”, onde a mulher era entendida como um homem investido como é abordado no artigo *Masculinidade na história: a construção cultural da diferencia dos sexos* de Sergio Gomes da Silva.

O modelo da perfeição era dada a representação masculina, haja visto, que a mulher estaria deslocada como um ser menos desenvolvido, onde a masculinidade excedia sobre feminino, mas é a partir do século XIX que essa teoria é colocada de lado para que outra entre em vigor, isto é, a mulher passa ser de homem investido para ser o seu oposto ou melhor sua forma complementar. Ao reconhecer que as atividades masculinas são voltadas para o âmbito social, econômico e político a condição da mulher restringia-se rigorosamente aos cuidados domésticos, noção essa abordada por Parker <sup>2</sup>(1991)

Sob uma perspectiva masculina de virilidade o homem passa a se alto afirmar macho por medo de torna-se homossexuais, algo que remetesse a fragilidade ou seja o sexo feminino, diante da necessidade de ratificar e validar a sua masculinidade, dar-se a partir desse momento os conflitos sociais que perdura até hoje, porque ser homem é não ser mulher e de modo algum homossexual. Exemplo disso é alguns personagens da arte vitoriana, representam homens másculos e viris com o mais perfeito e ideal sinônimo de beleza enquanto na Bíblia, na arte, sempre na história da mulher que é contada na maioria das vezes por homens, é remetido a ideia de submissão e sexualização, ao mesmo tempo que a mulher é vista como fundamental na sociedade por ser capaz de reproduzir, ela é mistificada como um corpo objeto. Faço um apontamento sobre algumas questões comparativas a seguir.

---

<sup>2</sup> O Dr. Richard Parker é um antropólogo medico, cuja pesquisa se concentra na construção social e cultural de gênero e sexualidade, nos aspectos sociais do HIV/AIDS e na relação entre desigualdade social, saúde e doença. Ele conduziu pesquisas de longo prazo no Brasil e desde o início dos anos 80, bem como estudos comparativos na Ásia, África, América do Norte e outras partes da América Latina e do Caribe.

HOMEM	MULHER
DOMINANTE	DOMINADA
GARANHÃO	GALINHA
HONRA	MANCHA
HOMEM VELHO/ SEXY	MULHER VELHA/ACABADA
CHEFES	SUBMISSAS

A condição da mulher sempre voltada ao diminutivo e a do homem sendo tido como superior em uma escala hierárquica. A virilidade do homem tende a ser formada logo na infância, seja através de comparações, proibições, brinquedos, ou até mesmo da dança. Guacira Lopes faz um apontamento de extrema relevância para se compreender que, a distinções biológicas serviu por muito tempo para classificar ou melhor provar as diferenças e posicionamentos sociais, destinando os próprios sujeitos a determinado gênero ou padrão, porém, ainda com toda aculturação do macho viril, essa estrutura de classificação não dá conta de categorizar as infinitas possibilidades de ser classificado como homem ou mulher na sociedade contemporânea.

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para "provar" distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos "próprios" de cada gênero. (2003, Pag 45)

Essas distinções integram a estrutura do sistema patriarcal, cujo, diferencia comportamentos masculinos e femininos dentre as posições hierárquicas na sociedade. Se antes a mulher era vista como o complemento do homem até mesmo o seu inverso, hoje ela perpassa tudo isso para se apropriar das tomadas de decisões sobre seu corpo ou melhor sobre sua vida, mesmo existindo frutos do patriarcado que acabam por impedir certas emancipações, capazes de camuflar através do acultramento violências e abusos.

## 6.2 MISOGINIA MUSICAL BRASILEIRA: O FUNK NO CARRO ATOLADO

Não foge da minha realidade e de tantas outras mulheres crescer ouvindo frases do tipo “Ei, gostosa!” ou “Já tá no ponto hein”, como se a mulher fosse uma fruta no processo de amadurecimento mesmo que forçado, pois dizem as más línguas que a mulher amadurecem mais rápido que homens já que são capazes de ignorar as ofensas ouvidas diariamente e em todo lugar, desde da passada de mão boba na perna até a condição de meras putas como é alegado nas letras de funk. “ Só surubinha de leve, surubinha de leve com essas filha da puta. Taca bebida depois taca a pika e abandona rua.” (Mc Diguinho, 2017). Os termos usados para intitular as mulheres como: “vadia”, “potranca”, “vaca”, “tchutchuca”, são comentários dentro e fora de bailes funks.

Pega a visão, pega a visão  
 Pega a visão, pega a visão  
 Aquele pique, óh!  
 É o Selminho que tá mandando  
 Anda, chama!  
 É o Diguinho que tá mandando  
 Anda, chama!  
 Pode vim sem dinheiro  
 Mas traz uma malandra!  
 (Pode vim sem dinheiro) (chama, chama)  
 (Mas traz uma malandra, aí!) (chama, chama)  
 Brota e convoca as tchuca  
 Brota e convoca as tchuca  
 Mais tarde tem fervo  
 Hoje vai rolar suruba  
 Só uma surubinha de leve, surubinha de leve  
 Com essas mina maluca  
 Taca a bebida, depois taca e fica  
 Mas não abandona na rua  
 Só uma surubinha de leve, surubinha de leve  
 Com essas mina maluca

Taca a bebida, depois taca e fica  
 Mas não abandona na rua  
 Taca a bebida, depois taca e fica  
 Taca a bebida, depois taca e fica  
 Ta-taca a bebida, depois taca e fica  
 Mas não abandona na rua  
 O ritmo do Diguinho é esse aqui, óh  
 Pega a visão, pega a visão  
 O ritmo do Selminho é esse aqui, óh  
 Aquele-aquele pique, óh  
 Só uma surubinha de leve, surubinha de leve  
 Com essas mina maluca

O funk, em especial “proibidão” traz um teor machista e misógino em suas letras. Mc Don Juan e Mc Hariel em a Lei do retorno descreve a história de garoto cujo amor não era correspondido no colegial, mais que durante um tempo a menina aceita aproximação, no entanto, o objetivo agora é “Comer e abandonar” já que ela não lhe dava atenção.

Essas músicas de teor misóginos e sexistas enojam, dado que apologias ao estupro também são direcionadas as mulheres. A famosa e polemica música Mc Diguinho, refere-se dar bebida a tal mulher e depois violenta-la e por seguinte abandona-la, acredito firmemente que não haja necessidade de tais injurias e agressões, visto que, para a grande maioria desses cantores nenhum é misógino assim perguntem o seu posicionamento frente a esta situação.

Vinganças, atritos, reafirmação são construções que os homens acabam por absorvendo de outros homens, mais como consequência machucam não só as mulheres mais eles próprios, sabendo que a masculinidade tende a ser uma estrutura estruturante é necessário abrir novos polos para que seja questionados esses tipos de violência contra a mulher, apoie nem sempre a violência irá se manifestar através de agressões físicas ela também se manifesta em detrimento a palavras e proibições que são enxergadas como provas de amor, mais que na verdade são abusos e dominações.

### 6.3 CAUSA E CONSEQUÊNCIA

Ouvir que mulher não sabe dirigir e que são loucas tornaram-se comum no dia-dia da mulher, mais estatisticamente, 83% das mortes por acidente de trânsito no Brasil tem o homem como a principal vítima, tendo como causas o alcoolismo, drogas e violência verbal, ou seja, discursões de trânsito.

O ministério da saúde divulgou que além de serem vítimas de acidentes no trânsito os homens também é o que mais morrem por agressão com arma de fogo, superior a 16,7 vezes maior se comparado a mortes desse porte, com as mulheres.

Tendo como 40,6% casos de agressões. Com armas de fogo totalizando 29,4%, seguido 26,9% por causa de trânsito, no caso com motociclista equivalente a 6,9% e aproximadamente com a faixa etária de 20 a 39 anos.

Enquanto estatisticamente o homem são os principais causadores de morte no trânsito, ainda recai sobre a mulher a o fardo de serem ruins dirigindo ou exercendo papel em qualquer lugar que não seja a posição de subalternidade imposta socialmente, no livro *Gênero, Sexualidade e Educação* de Guarcira Lopes, a autora coloca em tese a discursão sobre o posicionamento das mulheres no meio social, de serem vistas como auxiliadoras e dificilmente como autoras e autônomas de suas próprias escolhas. “rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação.” (2003, p. 17)

Em outras palavras nem sempre a mulher foi vista com instrumento principal para a construção e integração da sociedade. Durante muito tempo a história das mulheres foram contadas sobre o olhar e a representatividade do homem, visando a todo momento o seu ponto de vista sobre o lugar da mulher dentro da sociedade, como citado acima, “de apoio”.

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais (LOPES, Pag.17)

Vale salientar que a mulher passa até dupla jornada de trabalho e mesmo com todas as evidencias da capacidade desse ser extraordinário, ainda atravessa o preconceito e

desmerecimento da competência da mulher, uma vez que essas mulheres começam ocupar lugares que não seja do âmbito doméstico para ocuparem as fabricas, hospitais e demais espaços, o homem por sua vez não é familiarizado desde então, a compartilhar dos mesmo afazeres que por muito tempo a mulher foi imposta, e como consequência as mulheres saem para ocupar novos espaços e outras entram em suas casas para preencher a lacuna existe, no entanto é a mulher negra que começa a adentrar esses ambientes mostrando-nos a estruturação e as vinculações do machismo, sexismo e racismo, como estruturas estruturantes que perdura nos atuais dias.

## 7. RESULTADOS ESPERADOS

O presente trabalho possibilitará reconhecer a misoginia e o sexismo mascarado de cultura nas letras de cantores brasileiros, mostrando o quão tóxico é as masculinidades e suas manifestações. trazendo no decorrer do trabalho dados que geram reflexões acerca das possíveis e novas masculinidades na contemporaneidade.

A relevância de estudar sobre as masculinidades está vinculada a crescente necessidade de compreender os porquês de tantos casos de feminicídios e abusos simbólicos e não simbólicos, em todo corpo social. Desta forma, foi ressaltado o que é ser mulher e as ambiguidades referentes a distinção do ser homem na sociedade, cujo, foi e é, necessário se desvincular das característica padronizadas do ser *macho*, para fins concretos de estabelecer a gananciosa e tão esperada queda do patriarcado, desta forma visto abordar a masculinidade de maneira sucinta e eficaz para compreensão das abordagens de se perceber dentro de contextos de discursos patriarcais que separam e classificam mulheres a condições minimalistas.

Está discursão abrirea outros novos questionamentos acerca da masculinidade tóxica e sua construção no campo social entre os jovens da comunidade do Carro atolado, analisando este tema com intuito de descobrir como foi construído a imagens do *macho* por intermédio do gênero funk. E com intuito de possibilitar aos adolescentes e jovens terem uma visão crítica, repensando novas práticas culturais que ao invés de sexualizar a mulher, elas possam reafirmar sua importância, e sobre tudo o direito de igualdade.

## 8. REFERÊNCIAS

KOSS, M. V. Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo, Escritura, 2000.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Gay, P. (1995) O Cultivo do Ódio: a experiência da burguesia da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia das Letras.

GOMES, Sergio. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. Psicol. cienc. Prof. Vol.20 no 3 Brasília Sept.2000

Parker, R. G. (1991). Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: BestSeller/Abril Cultural.

Mc Diguinho: Só surubinha de leve. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/mc-diguinho/so-surubinha-de-leve/>> Acesso em: 20 de Out de 2019.

Mc Don Juan: Lei do retorno. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/mc-don-juan/lei-do-retorno/>> Acesso em: 20, Out de 2019

Mário Iago: Ai, que saudade da Amélia. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/mario-lago/377002/>> Acesso em: 28, Dez de 2019

Vinícius de Moraes: Formosa. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49271/>> Acesso em: 10, Jan de 2020

Roberto Carlos: Ciúmes de você. Fonte: <<https://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/ciume-de-voce-1968.html>> Acesso em: 10, Jan de 2020

Roberto Carlos: Furdúncio. <<https://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/furduncio.html>>

Fonte de pesquisa “O Silêncio dos homens” Papo Homem/Instituto PdH + ZoomaLnc. (2019)

ONU, ONU Mulheres Brasil, 2014. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCGR1V\\_7oZrWw7C3c6451AtQ/about](https://www.youtube.com/channel/UCGR1V_7oZrWw7C3c6451AtQ/about)> Acesso em: 15, Nov, 2019

LOURO, Guarcira. Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

---